

2

Breves comentários sobre a história dos tempos compostos

14

No português moderno existe uma diferença semântica sensível entre o pretérito perfeito simples e o composto. Segundo Bomfim (2002: 112), para perceber a evolução desta diferença é necessário acompanhar as mudanças sucessivas que contribuíram para estabelecer esta situação atual. *A priori*, podemos dizer que a história dos tempos compostos em português está intimamente ligada ao sistema verbal latino em sua evolução, isto pode ser constatado se observarmos o quanto as estruturas do português diferem das demais línguas neolatinas e até do espanhol:

No desenvolvimento das línguas românicas, a distribuição complementar entre *haver/ ter e ser* segundo as características do PtP (transitivo ou ergativo) permaneceu quase intacta em línguas como, por exemplo, o italiano e o francês modernos, mas desapareceu gradualmente em outras línguas, como no espanhol, que generalizou o uso do continuador de *habere* para todos os verbos nas formas dos tempos compostos. No PB moderno as formas verbais *ter/ haver* podem aparecer combinadas com PtPs de natureza transitiva, intransitiva e ergativa, nas construções dos tempos compostos. (Ribeiro, 1993: 344).

Do ponto de vista diacrônico, a formação de perífrases verbais está relacionada com um tipo de mudança gramatical, ou de gramaticalização, pelo qual um verbo pleno (no caso de *habere*, um verbo com conteúdo semântico de posse) se transforma historicamente em um elemento gramatical, um verbo auxiliar. Esta mudança é geralmente acompanhada por um esvaziamento semântico, ou seja, por uma perda do conteúdo lexical em questão. Neste estudo, cabe nos concentrarmos nas formas *haver / ter* seguidas de particípio passado, dada a estruturação das sequências que pretendemos analisar. Alguns estudos sobre perífrases verbais deste tipo no português antigo assinalam que o particípio passado concordava com o objeto direto do segundo verbo e que *ter / haver* expressavam posse. Uma consequência da presença de um objeto direto é que essas construções só eram possíveis quando o segundo verbo era transitivo.

Por outro lado, ter / haver não funcionavam como auxiliares já que tinham uma significação manifesta: a de posse. Assim, não é apropriado rotularmos este tipo de sequência de tempo composto.

Enquanto essa concordância ocorre, há uma construção frasal que põe em evidência um estado de posse, expresso por haver ou ter, conteúdo semântico desses dois verbos, como vimos, ainda não gramaticalizados como auxiliares em estruturas com PP. (Mattos e Silva, 1994: 264)

Segundo Bechara (1985: 65), a eliminação progressiva desta concordância é considerada um dos fenômenos linguísticos balizadores da fase moderna do português, correspondente à segunda metade do século XVI estendendo-se século XVII. Embora utilize nas Cartas combinações compostas em sua construção moderna e atual, sem concordância, logo, com o verbo auxiliar esvaziado semanticamente, Vieira também faz uso de construções com aqueles verbos com valor de posse, como mostram estes exemplos tirados da carta *Ao Geral da Companhia de Jesus* de 1926. A seguir, transcrevemos exemplos:

(5) (...) tendo-se ajuntado a gente que, (...) andava toda espalhada à caça se lhe propôs que se lembrassem da palavra que tinham dada (...). (Op. Cit.: 61).

(6) (...) chamou-o Deus para si a usar da glória que, em cinquenta e oito anos que vivera tinha merecido. (Op. Cit.: 66).

Para melhor representarmos as características das duas estruturas, nos servimos do quadro apresentado por Bomfim¹ (2002: 7) que de forma simples e clara nos permite visualizar e comparar as combinações dos verbos ter / haver compostas no português antigo (séculos XIII, XIV, XV) e no português moderno (a partir da segunda metade do século XVI até o século XVII, inclusive)².

¹ No quadro Bomfim não faz diferença entre o português moderno e o contemporâneo.

² Tendo como referência o trabalho de Bechara (1985), cabe ressaltar que em sua obra o século XVIII até os dias atuais (4ª fase) é considerado contemporâneo.

COMBINAÇÕES COM TER / HAVER + PARTICÍPIO PASSADO

ESQUEMA A	ESQUEMA B
Português antigo	Português moderno
Ter/ haver expressam posse	Ter / haver semanticamente esvaziados
PP concorda com o complemento não preposicionado. Tem valor adjetivo	PP não está sujeito à concordância. Tem valor verbal

Segundo Bomfim (2002: 5), é impróprio considerar tempo composto enquanto existir concordância. Contudo, é possível admitir que os dois esquemas estão em variação. Somente uma análise minuciosa das condições de ocorrência, do seu valor e frequência, comparando textos sincrônicos pode auxiliar a pontuar o processo de mudança.

Em linhas gerais, vale dizer que a história dos tempos compostos está ligada ao uso dos verbos ter e haver no português arcaico, especialmente, à sua passagem de verbos nocionais a relacionais. Se antes eles tinham um significado de posse, seu esvaziamento semântico coincide com o emprego como auxiliares.

A denominação “tempos compostos” está tradicionalmente estabelecida na nomenclatura gramatical, sem questionamentos, mas é sabido que seu limite está muito além desta proposta. Alguns trabalhos específicos têm um olhar diferenciado para estas construções, analisando suas características, e, sobretudo, levantando novas perspectivas. Estes estudos acabaram por se tornar referências pioneiras sobre o assunto e por isso considero relevante destacá-las.

Iniciaremos com Said Ali, referência para tantos trabalhos posteriores, inclusive alguns citados aqui. Na *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* (1966: 161) não considera os termos tempos compostos e conjugação perifrástica como coisas distintas. Devido a esta “terminologia confusa” prefere nomear como conjugação composta. Nela consiste a combinação de um verbo relacional (auxiliar) com o gerúndio, infinitivo ou particípio do pretérito de um verbo nocional (principal). Portanto, uma conjugação composta se faz com o uso do auxiliar ter e estar com os verbos nocionais. Podemos ainda destacar a questão do aspecto levantada no caso de *ver* e *ter visto*, que para o autor “são dous aspectos do mesmo verbo ver. No primeiro caso exprime-se a ação vagamente; no segundo, define-se a ação como perfeitamente consumada”. Sua atenção em relação ao

aspecto ainda é reforçada pela referência a obra anterior³ em que propõe as denominações de aspecto imperfectivo e perfectivo, respectivamente, para estes dois tipos de ação. Utiliza a terminologia formas compostas baseando-se no fato de que a combinação com *ter* é antiga e comum a outras línguas e de que *ter andado* e *estar andando* nasceram de processos análogos e considera a aplicação destas formas compostas a situações diferentes em relação às formas simples. É importante destacar que, embora não se refira ao aspecto diretamente, Said Ali já observa atentamente que o português se diferencia das demais línguas românicas, e até do espanhol ao demonstrar as diferenças de sentidos existentes entre as combinações simples e compostas.

Mattoso Câmara (1976: 163) no seu capítulo “As Conjugações Perifrásticas” procura definir a construção:

As conjugações perifrásticas se dispõem numa série, a rigor aberta, em ordem decrescente da intensidade da significação lexical do auxiliar. Nessa escala, são mais ou menos gramaticalizadas. (...) Na gramaticalização mais forte, o auxiliar está com a significação lexical esvaziada e se tornou um mero índice da categoria que se destina a exprimir.

Dessa forma, estabeleceu que as conjugações perifrásticas devem ser entendidas como um processo de “composição morfológica” (1976: 167) na base de uma locução, isto é, dois vocábulos fonológicos e morfológicos que se associam em uma forma lexical, sendo classificada em função de sua forma nominal: participio, gerúndio e infinitivo e assim assumindo conteúdo semântico como um conjunto. Vale ressaltar que, como Said Ali, Mattoso Câmara também utiliza uma terminologia diferente da tradição gramática e prefere: “conjugação perifrástica” por considerar “tempos compostos” muito vaga.

Se Said Ali e Mattoso Câmara podem ser considerados pioneiros nas contribuições em relação ao estudo mais específico dos tempos compostos, os estudos mais recentes também contribuíram significativamente, sobretudo, em relação aos verbos auxiliares e locuções. Dentre estes estudos temos os de Pontes (1973) e o de Lobato (1975).

³ *Dificuldades da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro, 1919

Pontes (1973) questiona a falta de rigor da tradição gramatical em relação à designação de termos como locução verbal, conjugações perifrásticas e tempos compostos, principalmente as duas últimas. Sendo assim, a autora considera apenas a denominação locução verbal, a mais abrangente e de aceção mais ampla por se tratar de “qualquer sequência verbal com uma certa coesão interna, de tal modo que funcione como um verbo simples” (1973: 15):

Ao lado dos critérios histórico e semântico, temos, portanto, este que é sintático: para haver LV é necessário que haja uma relação, entre os seus membros, de subordinação. Se os elementos estiverem apenas coordenados, teremos uma simples sequência. (Op. Cit.: 29).

No entanto, no decorrer de seu estudo, a autora procura identificar alguns diferenciais dos verbos auxiliares, inclusive suas especificidades em relação à própria definição de locução verbal. Sobre os verbos auxiliares, entende que estes verbos possuem uma relação de interdependência entre o verbo antecessor e o posterior, em que não se podem trocar as posições dentro da sequência. Não se trata apenas de uma questão de subordinação como nas locuções, os verbos auxiliares têm uma posição fixa na sequência verbal.

Lobato (1975: 29) considera os problemas terminológicos relacionados à nomenclatura dos verbos auxiliares, além das divergências apresentadas pela gramática tradicional. A sua proposta admite uma classificação contemporânea dos auxiliares classificando-os em duas visões. A primeira em seu sentido estrito ou *stricto sensu*, e a segunda em seu sentido mais amplo, como verbos operacionais ou auxiliantes referindo-se aos modais ou um verbo de desenvolvimento. Para ser considerado auxiliar estrito o verbo deve estar esvaziado semanticamente e só possuir uma unidade semântica com seu auxiliado, como os verbos auxiliares tradicionais: *ser*, *estar*, *ter* e *haver*.